

## JORNAL DE BRASÍLIA



*Além de líderes indígenas, a manifestação de ontem contou com a participação de artistas*

# Índios fazem pajelança para retomar seu museu

**Geralda Fernandes**

O movimento pela retomada do Museu do Índio contou, na manhã de ontem, com a participação de dezenas de artistas reunidos em Brasília para o II Encontro Nacional de Ignorantes. Além da exposição de arte indígena, peças teatrais e mágicas, a manifestação teve rituais indígenas em reforço à maldição feita em 1988 pelo pajé Sapaim, da tribo Kamaiurá, de que enquanto o museu não for destinado ao índio nada do que ali for implantado terá sucesso. "Índio não faz maldição para não dar certo", disse o filho do pajé, Ianaculá Rodarte, coordenador do Centro de Cultura Indígena e Educação Ambiental, criado há 15 dias.

Organizada pelo Movimento Artistas pela Natureza, a manifestação realizada em frente ao museu contou com a presença de cerca

de 100 pessoas entre artistas, representantes de tribos indígenas e membros do Núcleo de Cultura Indígena e do grupo Voluntários, coordenado pela embaixatriz Leda Collor de Melo Coimbra. Em destaque, o pequeno Fernando Color de Melo, que recebeu este nome dos pais por ter nascido no dia da posse do presidente da República. O pequeno Color será preparado pela tribo para ser um grande cacique, em substituição ao líder Aritana. No colo da mãe, Tataruebi Yawalapiti, o futuro cacique parecia acostumado ao movimento e ao assédio.

Construído em frente ao memorial JK, na Praça do Buriti, o Museu do Índio é um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, em forma de oca, onde se pretendia instalar uma oficina viva da cultura material e espiritual de centenas de nações indígenas. No governo José Sarney, uma lei mudou a destina-

ção do que seria o Museu do Índio para instalação do Museu de Arte Moderna de Brasília. "Já existe o Museu de Arte de Brasília, que está abandonado, com vazamentos, falta de pessoal técnico e com um acervo cheio de falhas", criticou o artista Bené Fonteles, coordenador do Movimento Artistas pela Natureza.

Presente à manifestação, o ex-deputado federal Mário Juruna, disse que, além de ser um espaço para reivindicações políticas, o museu contará a vida do índio. "O principal objetivo é trazer a vida, passar os conhecimentos sobre os costumes de cada tribo. Vai funcionar como centro de pesquisas para os estudantes", defendeu. Um modelo de carta reivindicatória, contendo o pedido de que o espaço não seja mais um museu de cultura empalhada, será enviado ao presidente Collor, ao governador Roriz e à Câmara Legislativa.